

# A participação dos bancos no acordo mexicano

por Stephen Fidler  
do Financial Times

Um problema que afetou negativamente muitos acordos entre governos devedores e seus bancos credores — os “free riders” — poderá não constituir um obstáculo significativo para o acordo com o México, que ainda está sendo discutido.

Os “free riders” são bancos que continuam recebendo juros sobre seus empréstimos existentes, mas se recusam a participar de novos acordos sobre a dívida.

O motivo da provável incidência reduzida de “free riders” provoca certa reticência por parte dos banqueiros e dos funcionários mexicanos. Este motivo é um conceito legal, conhecido tecnicamente como “novação” — ou seja, a criação de um novo acordo legal entre devedores e credores, que, em certo sentido, elimina os bancos não-participantes.

Essa reticência foi evidente numa entrevista à imprensa dada por altos funcionários mexicanos neste semana.

Um representante do governo, indagado se os “free riders” seriam um problema para o acordo do México, respondeu que, na sua opinião, esses bancos não seriam problema por três motivos. Mas citou apenas dois: a pressão dos bancos participantes sobre os outros para que dêem sua adesão ao acordo e o apoio ao pacote por parte de governos de muitos países.

Supõe-se que o terceiro motivo, omitido, seja a estrutura legal deste novo acordo.

Mas a questão da “novação” legal causa embargos tanto aos representantes dos governos ocidentais como aos banqueiros, porque implicitamente conflita com a natureza supostamente voluntária destes acordos sobre a dívida.

A “novação” legal foi tentada apenas esporadicamente no passado. O exemplo mais notável foi um acordo com a Costa do Marfim, que, por outros motivos, fracassou.

A posição dos “free ride” (participar ou não participar de um acordo) é básico para um enfoque voluntário em relação à questão da dívida.

O direito de “free ride” (participar ou não participar de um acordo) é básico para um enfoque voluntário em relação à questão da dívida.

O que mais preocupa os mexicanos agora, porém, é que o número de bancos dispostos a fornecer novos empréstimos não seja suficiente para permitir que o México preencha suas necessidades de financiamento.

Um alto funcionário mexicano disse ontem que gostaria de ver pelo menos um banco de cada país importante fazendo novos empréstimos, disse ele.

Angel Gurria, subsecretário das Finanças do México, iniciou na próxima semana uma viagem de três semanas ao exterior para explicar o acordo aos banqueiros.

---

**MERCADO SECUNDÁRIO —** O Chile pretende usar US\$ 330 milhões, recorridos das reservas do país e tomados como empréstimos de agências internacionais, para recomprar dívidas externas e marcou o dia 10 de outubro para que os credores ficassem suas propostas, informou o ministro das Finanças, Enrique Seguel.